

O AUTO-CONHECIMENTO E AUTO-REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DAS ARTES VISUAIS

*Ângela Saldanha, * António Almeida, *Teresa Costa e **Rosa Maria Oliveira

*Escola EB 2/3 Florbela Espanca - Esmoriz; Mestrado em Ensino das Artes Visuais,
Universidade de Aveiro

** Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro; ID+ Instituto de
Investigação em Design, Média e Cultura

Resumo

O Auto-conhecimento acompanha-nos ao longo das nossas vidas, mas é na fase da adolescência que este conhecimento é mais visível, significativo e por vezes doloroso.

Sendo as artes um meio privilegiado para a comunicação deste processo introspectivo, o ensino das Artes Visuais não pode ficar indiferente a este processo de descoberta, tendo o dever de promover a criatividade e novas formas de expressão, rompendo defesas, e num misto de magia, cor e imaginação, aprender a ver-se ao Espelho.

Assim, tendo por base os conceitos inerentes às estratégias criativas da Auto-Representação e ao Portfolio Reflexivo, pretende-se apresentar nesta comunicação a partilha de um estudo ainda em fase de progresso, contribuindo para que de forma gradual e saudável se descubra o EU dos alunos do 3.ºCiclo do Ensino Básico, dando ênfase aos aspectos psicopedagógicos essenciais a todo este procedimento de descoberta, construção e re-construção do mundo interior e sensível que os alunos desta faixa etária receiam muitas vezes encontrar e desvendar.

Através da diversidade de estratégias, criando contextos promotores da expressão individualizada dos alunos envolvidos, pretende-se que se desenvolva a sensibilidade estética bem como o auto-conhecimento e a auto-representação.

Palavras-chave: Criatividade; Auto-conhecimento; Auto-representação; Portfolios reflexivos

Introdução

Este estudo foi desenvolvido pelos autores no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3.ºCiclo do Ensino Básico e Secundário, da Universidade de Aveiro e aplicado numa turma de 9.ºano de uma escola EB 2/3 do sector público nacional.

Pretende-se com este estudo contribuir para uma valorização da formação nas Artes Visuais, como um meio privilegiado para uma formação global de cada indivíduo, principalmente daqueles em que a descoberta do caminho a seguir ainda se encontra por definir, como é o caso dos adolescentes.

Neste espaço pretendemos, mais que dar respostas, levantar questões e dar a conhecer uma investigação, ainda em processo de desenvolvimento, que pensamos, como professores, ser uma valorosa descoberta, na construção do auto-conhecimento e da auto-representação dos alunos, tendo por base as estratégias do *Portfolio Reflexivo* e da Auto-Representação.

O MEDO DE SE CONHECER

O 9.ºano do ensino básico

O estudo que aqui apresentamos está a ser desenvolvido numa turma regular de 9.ºano, composta por 15 elementos, os quais se situam na faixa etária dos 14/15 anos. Como bem referiu Jean Piaget, no *Estádio da Inteligência Operatória Formal* (PIAGET: 1976), a adolescência é uma fase recheada de múltiplas alterações, normalmente dolorosas, para os indivíduos.

Como Sprinthall e Collins (SPRINGTHALL e COLLINS:1999) defendem, o adolescente, que já se encontra no estágio das operações formais, apresenta novas capacidades a nível do pensamento: raciocínio hipotético-dedutivo, raciocínio científico-indutivo e abstracção reflexiva. Com estas novas capacidades, o adolescente vai abandonando um pensamento que incide no concreto, para adquirir um outro que franqueia no abstracto. O raciocínio moral do adolescente também alcança o seu pleno desenvolvimento com as operações formais.

Afectivamente, o adolescente desenvolve sentimentos idealistas, onde acredita que o mundo se deve reger pela lógica. A continuação da formação da personalidade, neste estágio, reflecte os seus esforços individuais para se adaptar ao mundo social do adulto. O egocentrismo e o sentimento de reformador, na tentativa de mudança para a construção de um mundo melhor, são características muito exacerbadas.

À medida que o adolescente se tenta integrar na sociedade adulta, confronta-se com uma realidade diferente da sua. Isto gera desequilíbrios que lhe vão permitir ser considerado adulto, e é neste misto de desequilíbrio e equilíbrio que o nosso trabalho tenta incidir, de forma a que o ajude a encontrar o seu caminho num processo continuo de auto-regulação.

UM ESPAÇO PARA O AUTO-CONHECIMENTO

A disciplina de Educação Visual

Os objectivos da disciplina de Educação Visual têm vindo ao longo dos tempos a sofrer algumas alterações, mas parece ser generalizado o reconhecimento da sua importância no desenvolvimento global do indivíduo, não só na aquisição de conhecimentos, mas na dimensão mais constitutiva do ser, dando-se agora maior relevância a aspectos psicopedagógicos. Pois como menciona Sousa, “Só através da Arte é que o homem poderá formar-se no seu todo e evoluir espiritualmente, aproximando-se do divino”. (SOUSA: 2003; 12)

O estudo que aqui apresentamos baseia-se na “Educação para o desenvolvimento psicológico”, uma das três categorias de formação pessoal e social em contexto escolar, defendidas por Campos (CAMPOS: 1991), que sobre o tipo de educação que utilizamos, Menezes (MENEZES:

1999) refere: “Reportamo-nos à noção de que a escola, para além de ensinar Matemática, História, Ciências, etc., deve também contribuir para o domínio de um conjunto de capacidades processuais que envolvem aprender a pensar, a analisar criticamente, a relacionar-se com os outros, a investir no desenvolvimento de projectos, a questionar, a ter iniciativa, entre outras.” (MENEZES: 1999; 15)

Deste modo, a disciplina de Educação Visual tem vindo a demonstrar ser a que melhor responde a um tipo de formação para a pessoa no seu todo, desenvolvendo a criatividade, a inovação e a imaginação, características essenciais para o auto-conhecimento, numa formação integral. Pois, nesta fase (3.º Ciclo do Ensino Básico), mais do que educar para um raciocínio científico das técnicas artísticas, é importante cultivar o gosto por uma nova forma de comunicação com os outros e de expressão individual, e é neste contexto que o aluno adolescente poderá conhecer-se, numa prática de “vida higiénica e saudável” (SOUZA: 2003; 11).

Considerações Metodológicas

Este estudo enquadra-se no método Investigação-acção, dado o seu carácter teórico-prático, dando especial relevância aos aspectos psicopedagógicos, revelados pelos alunos ao longo do processo de trabalho.

Assim, pretende-se avaliar esta investigação continuamente, numa análise cuidada e reflectida sobre os trabalhos realizados pelos alunos (dando mais ênfase ao processo do que ao resultado final), apoiando-nos continuamente nos *Portfolios* Reflexivos individuais dos alunos, sendo estes analisados de forma qualitativa como defende Connelly e Clandinin (in SÁ-CHAVES, citando Marcelo: 2009): “O estudo da narrativa é o estudo da forma, segundo a qual os seres humanos experienciam o mundo. Esta noção pode ser transportada para a concepção que vê a Educação como a construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais; os professores e os alunos são narradores e personagens das suas próprias histórias e das histórias dos outros.” (in SÁ-CHAVES, citando Marcelo: 2009; 23)

À luz de Donald Schon (SHON: 1987), aspira-se a uma análise interpretativa do conteúdo dos *Portfolios* Reflexivos dos alunos e utilizado o sistema de categorização de protocolos (MORINE-DESHIMERE: 1993), realizando uma grelha de análise com enfoque nas categorias acentes em três dimensões inerentes ao aluno (SÁ-CHAVES: 2009):

- *aspectos pessoais* - aspectos biográficos do aluno;
- *aspectos informativos* - onde podemos encontrar os trabalhos dos alunos e reflexões;
- *projecto de vida* - onde podemos encontrar as expectativas dos alunos em relação ao futuro.

Todas estas variáveis serão analisadas e avaliadas dando especial importância aos quatro quadros de avaliação referidos por Sá-Chaves (SÁ-CHAVES: 2009):

- Enfoque avaliativo/ Enfoque formativo;
- Enfoque esporádico/ Enfoque continuado;
- Enfoque descritivo/ Enfoque reflexivo;

- Enfoque selectivo/ Enfoque compreensivo. (SÁ-CHAVES: 2009; 22)

Realizando uma análise, de forma a encontrar, como refere Sá-Chaves (SÁ-CHAVES: 2009): “(...) conhecimento acerca das competências reflexivas do narrador e à possibilidade de tornar explícita essa dimensão oculta do discurso”. (SÁ-CHAVES: 2009; 25)

Assim, este estudo tem como grande objectivo encontrar na “dimensão oculta do discurso” a melhor forma de construir um *Portfolio Reflexivo* no ensino das Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e compreender (o aluno como indivíduo), garantindo que a mensagem transmitida é entendida por todos.

Desenvolvimento do Trabalho

No contexto da disciplina de Educação Visual tem vindo a ser realizado, no presente ano lectivo, aquilo que podemos denominar como um projecto multifacetado e de carácter exploratório, que emergiu através de uma proposta de trabalho assente na potenciação do auto-conhecimento dos alunos. Esta acção culminará com uma exposição pública, integrando toda a comunidade educativa.

De seguida apresentaremos as fases do processo deste trabalho, assim como os conceitos base inerentes, nomeadamente *Portfolio Reflexivo*, Auto-representação e Auto-retrato.

1ª FASE: conhecimento e início do *Portfolio Reflexivo*

O *Portfolio Reflexivo* configura-se como um meio oportuno e útil de avaliação formativa (dos alunos e de quem lecciona), sendo um recurso privilegiado de reflexão e análise contínua sobre os conteúdos leccionados, favorecendo um auto-conhecimento sustentado e ponderado.

Assim, julgámos uma mais-valia a leccionação de um módulo inicial que preparou os alunos da Turma para a construção de um *Portfolio Reflexivo Individual*. Este instrumento, pelas suas funções pertinentes, surge não só como um dispositivo que promove uma “avaliação formadora” dos alunos, sistematizando os seus percursos de construção de aprendizagens, mas também poderá constituir mais uma ferramenta ao serviço de diversificadas actividades de investigação a desenvolver pelos professores ao longo do ano.

Este módulo inicial, pelas suas especificidades, possibilita aos professores aceder de forma singular ao conhecimento da Turma, e permite ainda que esta se familiarize de forma mais efectiva com os docentes.

Relativamente às questões atinentes à elaboração do *Portfolio* do Aluno, e após uma breve revisão bibliográfica, poderemos constatar que o recurso a portfolios na formação de alunos é hoje largamente fundamentado e descrito como uma «ferramenta promissora» (LEITE: 2003 in BERNANDES & MIRANDA: 2003; 6) para a criação dos processo educativos e para a valorização do “aprender a aprender”.

“(…) os exames não têm como finalidade demonstrarem em que ponto está o aluno para ajudá-lo a avançar nas suas aprendizagens, mas tão-somente servem para colocar uma nota na pauta.

Eles servem fins administrativos mais que fins educacionais (...); os exames (...) incitam muito mais a dar resposta esperada do que a procurar, a explorar, a ir mais longe, a estabelecer relações, a integrar, em suma, a aprender.” (BROSSAR: 1994 cit. por BERNANDES & MIRANDA: 2003; 7).

Através da elaboração de um *portfolio*, os alunos poderão constatar ou testemunhar, acima de tudo, o desenrolar do seu processo de ensino-aprendizagem, visualizando facilmente o que se fez e como se fez, dando conta das reflexões que produzem, dos esforços que desenvolvem, dos objectivos a que se propõem e das estratégias e desafios a seguir.

A elaboração de um *portfolio* de aluno objectiva a participação activa do aluno na sua aprendizagem, permite uma melhor compreensão e acompanhamento desse percurso e insurge-se como um rico instrumento ao serviço da avaliação formativa e contínua.

A diversidade e a qualidade dos elementos que figuram num *portfolio*, assim como os seus critérios de avaliação (previamente negociados), colocam o aluno em situações autênticas de superação e resolução de problemas, instaurando um método de trabalho.

Finalmente, a construção de saberes/competências implica que o aluno tome consciência dos meios e das estratégias de que necessita para agir, para se auto-avaliar e co-avaliar. O portfolio surge, aqui também, como uma prática de “auto-regulação” (LOUIS: 1999 cit. por BERNANDES & MIRANDA: 2003; 25) que visa o desenvolvimento da autonomia do aluno, e daí que possamos perceber este recurso como sendo exponencial e concordante com as várias Unidades Curriculares do Ensino Básico.

Assim, propomos como objectivos gerais deste módulo/unidade didáctica:

- que os alunos entendam para que serve e como se elabora um *Portfolio* Reflexivo do aluno;
- que os alunos percepcionem as diferenças existentes entre *Portfolio* Reflexivo e uma tradicional compilação de trabalhos (dossier);
- elucidar os alunos quanto aos processos e características da avaliação dos *Portfolios*;
- sensibilizar e motivar os alunos para a construção do seu *Portfolio* individual e webfolio de turma e iniciar a sua construção.

2ª FASE: desenvolvimento da auto-confiança, espírito de equipa e aprendizagem de algumas técnicas artísticas de base das vanguardas: “Fábrica do Pai-Natal”

Tendo por base o módulo (unidade didáctica) “Compreender a Arte”, através do qual se pretendeu uma aproximação, por parte dos alunos, à compreensão da Obra de Arte, da sua história, formas de expressão e profissões relacionadas com as Artes Plásticas (AMORIM: 2009, planificação da disciplina de Educação Visual, 1.º período), foi objectivo da disciplina reflectir de forma mais prática e aprofundada sobre a Arte do século XX, olhando com mais atenção para a influência ou repercussões das vanguardas artísticas na arte dos nossos dias.

“Se até ao século passado, observamos a prossecução de padrões do belo, da harmonia e da perfeição máxima das formas representadas, a arte contemporânea valorizou as propriedades expressivas dos materiais e das técnicas, suportando novos sistemas artísticos em universos expressivos não figurativos. O afastamento da arte relativamente à representação da realidade trouxe uma mais-valia renovadora dos processos de formação, num conjunto de novas possibilidades que não visavam mais que potenciar valores formais, estruturais, plásticos e pictóricos presentes nos materiais e nos elementos da linguagem da arte.” (NUNES: 2000).

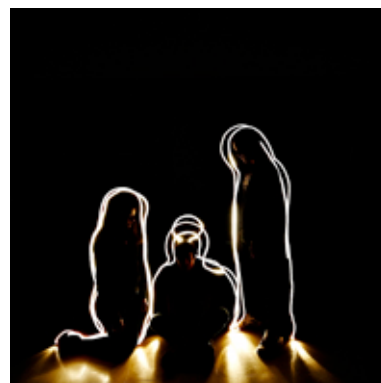
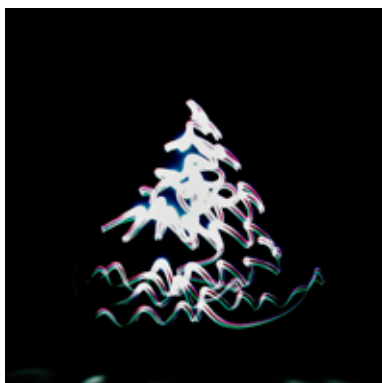
Pela sua significância no século XX e na forma como se faz Arte nos dias de hoje, foram três as técnicas escolhidas para trabalhar com a turma, no desenvolvimento dos trabalhos práticos relacionados com este módulo:

Assemblage: este termo que foi incorporado pelo artista plástico Jean Dubuffet em 1953, através das suas intervenções em suportes planos - utilizando vários materiais, colando, sobrepondo, reunindo - autoriza a transposição dos limites da tela para o espaço tridimensional, criando uma clara junção entre a pintura e a escultura. Inspirados neste conceito os alunos realizaram, individualmente e em conjunto, formas escultóricas dentro da temática natalícia. As ideias e os materiais recolhidos foram partilhados na criação de objectos que privilegiaram a reutilização, o aproveitamento de “desperdícios” e a aplicação de vários materiais reciclados.



Resultados Finais: *Assemblage*

Fotografia: Com o auxílio de um profissional da área, os alunos foram conduzidos através de uma discussão orientada sobre a pertinência deste meio e de uma sessão de esclarecimentos acerca da diversidade de materiais e ferramentas fotográficas. Com a intenção de que a turma tomasse um contacto ainda mais directo com a técnica e explorasse as suas potencialidades, os alunos realizaram em grupo “desenhos de luz”, inspirados por Picasso - um dos percursores da técnica e por exemplos mais actuais como o *light graffiti*.



Resultados Finais: *Fotografia*

Técnicas de impressão: a sala de aula foi transformada num espaço expositivo aberto ao debate, não só sobre considerações e exemplificações relativas a algumas técnicas de impressão artística (serigrafia, gravura e linogravura), mas também acerca do papel destes processos na (re)definição do conceito de obra de arte como objecto único, irreprodutível.

Eventualmente, desta forma, os alunos puderam adquirir uma visão mais elucidada, que lhes permitiu perceber que muitos destes meios “para fazer arte”, da assemblage à fotografia, passando por diversos tipos de reprodução de imagens, fazem parte de um vasto conjunto de técnicas que serviram e servem as áreas artísticas.



Criação de serigrafia



Criação de gravura



Resultado Final: Gravura

Mas, com a aproximação da época natalícia e a necessidade de enriquecer nos alunos o espírito de equipa e confiança (pois só um clima de cooperação mútua permite o auto-conhecimento e a sua revelação aos outros), não poderíamos ficar indiferentes a esta época de fantasia e magia. Assim e partindo das seis grandes directrizes da Educação Visual para o 3.º ciclo:

“**Fruição:** prazer, sentir, apropriar-se; **Contemplanção:** meditação, consideração, faculdade de espírito; **Produção:** obra, trabalho, realização, produto, criação; **Criação:** invenção, realização pessoal e obra; **Reflexão:** ponderação, pensamento, ideia, comentário; e **Interpretação:** compreensão, versão, comentário, explicação, modo de representar ou executar” (RAMOS & PORFÍRIO, 2007), ficou decidido a realização de uma actividade, onde pudessem ser expostas e colocadas em prática as técnicas adquiridas na sala de aula, designada de “Fábrica do Pai-Natal”, na qual os alunos participaram adquirindo as competências deste módulo, e onde puderam

exteriorizar objectos de arte produzidos no local com as técnicas leccionadas (assemblage, fotografia e técnicas de impressão), atingindo assim grandes objectivos da turma, da escola e da disciplina, nomeadamente:

- a compreensão, por parte dos alunos, da arte contemporânea;
- o desenvolvimento nos alunos da sensibilidade estética e da criatividade;
- a promoção da integração dos alunos na comunidade escolar;
- a promoção da cooperação e da relação entre alunos e professores;
- o desenvolvimento da capacidade de utilizar técnicas de expressão;
- a elucidação dos alunos de algumas características empreendedoras;



Resultados Finais: *Fábrica do Pai-Natal*

3ª FASE: reflexão sobre o auto-retrato e a auto-representação

A resolução de explorar a auto-representação surgiu, tal como já foi referido, na sequência da constatação de um clima de fraca auto-estima, evidenciado pela análise e caracterização geral da turma leccionada. A observação deste facto adquire em muitos casos uma presença demasiado sublinhada no comportamento dos alunos, o que ajuda à acentuação da sua fuga a uma exploração do “eu”. Talvez seja frutuoso, numa linha que segue estas constatações, pensar precisamente em metodologias e pedagogias que auxiliem os jovens estudantes a encarar os seus universos pessoais de forma livre, reveladora, construtiva e potencialmente reflexiva, que ajudam ao crescimento pessoal.

“Quando deixarmos entrar o diálogo aberto na escola e sobretudo na educação artística sobre o que de facto consiste a cultura dos jovens e das crianças então poderemos talvez dizer que a educação artística tem um papel na construção da identidade. Capacidades de reflexão crítica, imaginação e criatividade que são exploradas através dos processos artísticos de aprendizagem são importantes para a formação da identidade das crianças e dos jovens e serão ainda mais importantes se a educação artística/visual incluir nos seus programas os interesses dos alunos e a sua realidade visual como temas prioritários de abordagem.” (EÇA: 2008)

Hoje em dia a auto-representação é uma forte tendência, com expressão activa nas artes visuais,

tal como em outras áreas (do no cinema documental à literatura) e em si não é um fenómeno novo na história da arte. O tema não deixa de ser uma pertinente desculpa ou pretexto para aproximar os alunos a diversas criações artísticas, alargando dentro dos possíveis a sua noção sobre arte contemporânea.

Assim, as actividades realizadas foram as seguintes:

a) No seguimento desta proposta de trabalho, e numa primeira abordagem à temática, os alunos foram conduzidos ao debate perante exemplos significativos de obras de arte que através da auto-representação e do auto-retrato desvendam os estilizações do eu dos artistas. Perante estas imagens foi possível proceder a uma análise comparada da diversidade dos seus modos de formar, desejando que com isso, os alunos encontrassem, em retorno, a naturalidade de aprender - e de criar - olhando para dentro.

b) Por isso, numa segunda fase, os alunos foram convidados a escolher uma das imagens e a participar num jogo criativo/interactivo no qual, a escrita de um pequeno texto, poema ou adivinha possibilitasse, não só, aos seus colegas identificar a obra respectiva, mas igualmente o desvendar das suas próprias concepções ou entendimento sobre os conceitos abordados na aula.

c) Para completar esta etapa do trabalho foi ainda proposta aos alunos a escolha e interpretação de uma das imagens recolhidas sendo-lhes sugerido, para isso, a efectuação de uma experiência (através do desenho) na qual o corpo do autor da obra tomasse o do próprio aluno, permitindo a este último reflectir-se, num acto de encenação - ele no lugar do outro e o outro em si.

Além disso esta actividade pretendeu proporcionar aos alunos uma oportunidade para tomar uma maior consciência e aceitação da relevância da imensa diversidade com que se revestem as auto-imagens, pois tal como refere Madalena Victorino «as artes (...) levam-nos a adaptarmo-nos à ideia de que não há respostas certas, que não há verdades únicas, mas que existem muitas formas de ser e de olhar as coisas» (como citado em LANCASTRE: 2006).



Processo e Resultados

4ª FASE: representação real: “Eu numa lente”

Com o advento da tecnologia digital, a fotografia conheceu um impulso sem precedentes na sua história. Hoje, a capacidade de captar imagens com diferentes tipos de aparelhos – de telemóveis a sofisticadas slr – está amplamente disseminada permitindo, mais e melhor do que nunca, a

imediate transmissão e impressão dos resultados com total autonomia. Porém, é curioso verificar que toda esta abundância e aparente facilidade de meios em nada veio alterar a premissa essencial ao acto fotográfico: a arte de ver. (Conferência de Fotografia, Fundação de Serralves, 2008)

Nesta actividade, o olhar do aluno foi guiado progressivamente através do exemplo de um profissional da área (convidado para participar na aula) – de forma a estimular o sentido de observação e a criatividade, sem esquecer o domínio das ferramentas básicas. Tudo para que pudesse ter uma primeira abordagem à sua representação real fotográfica e desenvolver uma sensibilidade fotográfica própria. A sua arte de se ver.



Resultados Finais: *Eu numa lente*

5ª FASE: trabalho prático de auto-representação: “Eu no teu olhar”

“Or, l'éveil de la sensibilité artistique et culturelle par la découverte des différents champs de la création les arts plastiques, le théâtre, la danse, la musique, le cinéma, l'écriture- peut contribuer largement au développement harmonieux de la personnalité de l'enfant, et faciliter son intégration sociale. Elle les place dans une position valorisante où les enfants prennent conscience de leur capacité et, plus encore, de leur liberté d'expression. Créativité, communication, intégration sociale sont des atouts majeurs pour affronter, après l'école, le monde non protégé des relations humaines et du travail.” (REDING: 1999).

A imaginação e a representação simbólica e expressiva, ou seja a exteriorização da vida interior, recria diversos níveis de apropriação do mundo, materializa e torna sensível o lado imaterial da vida. As crianças e os jovens, hoje em dia, expõem-se com fragilidade e passividade a uma cultura supra-mediatizada e a contextos não formais de educação. Esta “escola da vida” supera a escola formal, em muitos aspectos. As disciplinas artísticas permitem uma apropriação dessa cultura, através por exemplo das próprias linguagens usadas pelos *mass media*, e como contrapartida apelam a um posicionamento crítico, que poderá ajudar as crianças e os jovens a criar representações de si e do mundo (a construir uma identidade). Tomando ainda consciência das multiplicidades e riquezas socio-culturais, abre-se caminho para a aceitação de diferenças ou para a inclusão.

“A experiência estética não é para nos tornarmos *melhores* nem *piores*, mas para nos tornarmos

mais íntimos, sem sermos definitivos.” (POMBO: 1995; 390)

“Eu no teu olhar” surge como tema estratégico para convocar os universos visuais (individuais e colectivos) dos alunos desafiando-os para um confronto, que os coloca perante a possibilidade de se darem a conhecer (ao olhar do outro) através da construção de objectos/imagens na tentativa de se auto-retratarem, não deixando de os impelir com isso para uma atitude construtiva de auto e hetero-crítica.

Para a realização deste trabalho os alunos puderam, no limite desafiado do exequível, utilizar os mais diversos meios e técnicas disponibilizados pelas linguagens artísticas, respondendo ao solicitado através da escolha autónoma e fundamentada de múltiplos veículos de expressão, do desenho à representação tridimensional, passando pelos meios digitais e filmicos... um trabalho que exigiu, por parte de todos (professores e alunos) um grande esforço em termos organizativos, mas que se revelou compensador na persecução dos seus objectivos.

6ª FASE: exposição e reflexão: “Semana das Artes – Artes, para que vos quero?”

A Arte sempre acompanhou a evolução do Ser Humano e esta tem-se vindo a demonstrar como uma forma de comunicação e estratégia de emancipação da sociedade, única e eficaz.

A criatividade, a imaginação e o pensamento abstracto, características essenciais no processo artístico, encorajam a inovação, dando oportunidade ao Novo, à crença no impossível, elevando-se da superficialidade.

Assim, a educação artística desenvolve um pensamento superior (VIGOSTKY: 1979), numa perspectiva globalizante do indivíduo, mas será essa a visão instituída ou perseguida pela Escola dos nossos dias?

A semana da Artes, intitulada por “Artes – para que vos quero?”, a realizar após este Congresso, incluirá no seu programa diversos workshops e exposições inerentes ao tema, pretendendo ser uma semana recheada de actividades que fomentem uma contínua e constante construção, por todos os intervenientes, de uma visão íntima e singular, construindo e reconstruindo, num processo dinâmico e constante (Work in progress), o seu conceito de Arte e assim criar outra forma de comunicar consigo e com os demais, numa perspectiva psicopedagógica de universalidade da arte.

Esta semana será marcada por três momentos fundamentais e de especial interesse:

- a inauguração das exposições e início das actividades;
- um momento de conversa e partilha, com profissionais de renome, na área das artes, intitulado por “Profissões com Arte”;
- e a sessão de encerramento, com comunicação de reflexões e mostra do trabalho realizado durante a semana;

Assim, esta semana, aberta a toda a comunidade escolar, pretende promover e dar visibilidade ao ensino da arte, como indispensável para o desenvolvimento pleno de qualquer indivíduo e sociedade.

O EU REFLECTIDO

- considerações finais

O estudo, ainda em desenvolvimento, tem-se revelado uma experiência bastante enriquecedora para todos os intervenientes, como parte de um processo construtivo e evolutivo.

Nesta fase de trabalho (5.^a fase) podemos referir que a utilização do instrumento *Portfolio Reflexivo* tem promovido uma avaliação formativa, numa contínua reflexão dos conteúdos leccionados, sendo uma base motivadora de sistematização do percurso construtivo de aprendizagem de cada aluno, ajudando ao aprofundamento do auto-conhecimento e da auto-representação. Tal como refere uma das alunas da Turma no seu *Portfolio* “Agora sei que um *portfolio* ajuda na avaliação dos trabalhos, pois apresenta diário de bordo e mostra a progressão dos alunos, etc. É mais organizado e é personalizado (...). **No fundo ajuda-nos a conhecermos melhor**”.

Visualizando o trabalho numa forma global, podemos referir que a planificação que apresentamos exige uma boa dinâmica de equipa, mas as suas potencialidades abrangem propostas que se desdobram em actividades menos complexas em termos operacionais.

Esta actividade promoveu uma aquisição de competências, que investem numa **maior liberdade na expressão espontânea e na criatividade** dos alunos tornando-as mais fluidas e sentidas. É, porém, essencial reconhecer que para isso foi necessário um esforço de exigência em termos de cooperação entre alunos e professores, o que possibilitou uma desejada interacção promotora da relação educativa entre todos os intervenientes. Sousa (2003, p.147), considera de igual modo que, caso não haja essa reciprocidade afectiva, poderá não existir uma verdadeira acção educativa, logo é de interesse de todos que se celebre uma relação estreita de afecto mútuo, entre o educador e a criança ou jovem, de igual nível.

Será importante referir que, na continuidade de Sousa (2003, p.148), em Educação Artística as actividades, o material empregue e as obras criadas pelas crianças e jovens, são considerados como um meio para proporcionar a possibilidade de expressão, desenvolvendo as suas capacidades criativas, de forma a estabelecer também relações afectivas. Os produtos adquirem assim, uma importância situada ao nível dos processos que os geraram.

Outro aspecto importante a considerar é que nós, como professores da disciplina, a par dos alunos, também **construímos um *Portfolio Reflexivo***, o que nos tem ajudado a tomar consciência da importância do mesmo e das actividades que ocorrem no dia a dia, tornando-nos mais atentos, no exercício de uma reflexão crítica e sistemática, repensando as atitudes, práticas e decisões, reequacionando as mais diversas situações, de forma continua.

No seguimento da nossa investigação promovemos uma **reflexão sobre o auto-retrato e a auto-representação**, de forma a potencializar uma construção pessoal do universo de cada aluno, reveladora e reflexiva de um crescimento pessoal equilibrado. Este instrumento de reflexão

procura proporcionar aos alunos o encontro de um conjunto diversificado de respostas na realização do seu auto-retrato, promovendo a diversidade na “construção” de auto-imagens. Esta possibilidade de construir uma identidade, de acordo com o universo interior de cada aluno, permite uma tomada de consciência e de aceitação das diferenças existentes entre todos, mas como podemos constatar, por vezes, é realmente difícil que este nível de consciência metafísica aconteça em todos os alunos, principalmente deste nível de escolaridade.

Assim, fica a convicção da **necessidade de intervir** directamente na dinâmica ensino-aprendizagem dos alunos, cada vez mais cedo, num acompanhamento individual, com a técnica continua do *Portfolio* Reflexivo, garantindo um crescimento integral e saudável do indivíduo, humanizando a educação e uma evolução gradual, num **Portfolio que se pretende sempre inacabado**, numa continua construção, para além da idade escolar.

Por fim, salientamos a importância da união e inter-ajuda no grupo de trabalho, pois nelas fomos descobrindo forças para continuar o nosso caminho, mesmo quando o cansaço se acumulava, onde a palavra “desistir” nunca fez parte do nosso vocabulário.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Professora Doutora Rosa Oliveira e Professora Isabel Amorim, pela sua disponibilidade e ajuda.

É um agradecimento especial à turma B do nono ano, da Escola E.B 2/3 Florbela Espanca – Esmoriz.

Bibliografia

BERNARDES, Carla & MIRANDA, Filipa bizarro (2003). *Portefólio: uma escola de competências*. Porto: Porto Editora.

BERTÃO, Ana; FERREIRA, Manuela; SANTOS, Milice (orgs.) (1999). *Pensar a escola sob os olhares da Psicologia*. Porto: Edições Afrontamento

MENESES, Isabel (1999). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social*. Porto: Edições Asa.

MODESTO, António; ALVES, Cláudia; FERRAND, Maria; *Educação visual e plástica*. Porto: Porto Editora.

MONTEIRO, Manuela Matos (2007). *Área de Projecto 12.º Ano- Dossier do Professor*. Porto: Porto Editora.

PIAGET, J. (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. São Paulo: Pioneira.

POMBO, Maria de Fátima Teixeira (1995). *Fenomenologia da Educação: a sedução da experiência estética*. Dissertação de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

NUNES, Paulo (2000). *História da Arte 10.º e 12.º ano*. Lisboa: Lisboa Editora.

OKUN, Barbara (2001). *Ayudar de forma efectiva*. Barcelona: Paidós.

RIEMSCHEIDER, Burkhard; GROSENICK, Uta (2001). *Arte Actual*. Taschen.

RAMOS, Elza; PORFÍRIO, Manuel; GONÇALVES, Eurico (2007). *Educação Visual 3.º ciclo*. Porto: Edições Asa.

SÁ-CHAVES, Idália da Silva Carvalho (2007). *Portfolios reflexivos: estratégia de formação e de supervisão* (3ª edição). Aveiro: Universidade de Aveiro.

SCHON, D. (1987). *Educating the reflective practitioner: Toward a new design for teaching and learning in the professions*. San Francisco: Jossey-Bass

SOUSA, Alberto (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget

SPRINTHALL, Norman; COLLINS, W. (1999). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

LANCASTRE, Margarida (2006, Abril 22). *A Educação e a Arte*. *Revista Xis, Público*, pp.12-20.

EÇA, Teresa (2008). *O papel da educação das artes visuais na construção de identidades* [consulta em 17.01.10].

Disponível em: <http://www.saladosprofessores.com/meu-blog/o-papel-da-educacao-das-artes-visuais-na-construcao-de-identidades.html>

REDING, Viviane (1999). *Quelle place pour l'éducation et la formation artistiques en Europe ?* - Sommet européen de l'éducation artistique, UNESCO, le lundi 20 décembre 1999 [consulta em 02.12.2010].

Disponível em:

<http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=SPEECH/99/217&format=HTML&aged=1&language=FR&guiLanguage=fr>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Assemblage>, [consulta em 11.11.09].

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Serigrafia>, [consulta em 08.11.09].